

revista **EDUCAÇÃO ESPÍRITA**

Ano 3 - Número 15 - Julho / Agosto de 2026



Zilda Gama

Senão quando perfeitos

O DNA e a educação do espírito

Jogos cooperativos

SUMÁRIO



REVISTA EDUCAÇÃO ESPÍRITA

Ano 3, Número 15 - Julho / Agosto de 2026

Editor-Chefe

Marcus De Mario

Projeto Editorial e Diagramação

A. J. Orlando

Contatos

Whatsapp/Telegram (21) 9.9397-1688

E-mail: revistaeducacaoespirita@gmail.com

Acesse a revista em

<https://www.juventudeespirita.com.br/category/revistas/revistaeducacaoespirita>

A *Revista Educação Espírita* não pertence a nenhuma instituição, sendo trabalho coletivo realizado por educadores espíritas.

Distribuição gratuita.

Colaborações enviadas e não publicadas não serão devolvidas. Reservamos o direito de publicar somente o que estiver de acordo com a linha editorial.

Editorial	3
Entrevista	4
Gladis Pedersen: o papel da educação no desafio da atualidade	
Estante Espírita	8
Dinâmica da evangelização espírita	9
O DNA e a educação do espírito	12
Zilda Gama	14
Senão quando perfeitos	16
Adolescência, privacidade e autoconhecimento: o desafio de educar para a interioridade	18
Atividade prática: Jogos cooperativos	22
Utilização da arte no centro espírita - Parte 2	26
Divulgando	30
Pensando a educação	31

Colaboradores deste número

Dalva Silva Souza

Gladis Pedersen

Marcus De Mario,

Orson Peter Carrara

Sol Souza

Zilda Gama (in memorian)

EDITORIAL

Acada bimestre, quando enviamos a **Revista Educação Espírita**, recebemos palavras de carinho dos seus assinantes, agradecendo pelo envio e sempre desejando à equipe bênçãos de paz, o que nos faz iniciar este editorial com um agradecimento a esses generosos corações, que alimentam nossa esperança nas frutificações que o conteúdo de cada edição esteja proporcionando. Nem sempre recebemos comentários a respeito do conteúdo publicado, mas ficamos com a certeza que o mesmo está sendo útil junto aos educadores espíritas.

A finalidade da **REE** não é revolucionar ou transformar a pedagogia e a educação, e sim levar aos leitores conteúdos significativos, que provoquem reflexão, além de proporcionarem atividades estimuladoras do desenvolvimento intelectual e moral, conforme aprendemos com o Espiritismo, que é em sua essência doutrina de educação do espírito reencarnado.

Rogamos ao Mestre Jesus abençoe os educadores espíritas espalhados por todo este nosso Brasil, e também no mundo, pelos esforços que realizam, com muito amor, na tarefa de educar, tendo por base a imortalidade da alma, a reencarnação e o Evangelho, pois estamos trabalhando fustigados pelo egoísmo humano, pelas incompreensões de toda sorte, pelos desafios do materialismo que ainda predomina em nosso mundo. Mas temos a certeza de não estarmos desamparados pelo Divino Semeador, nem pelos amigos espirituais que fortalecem constantemente nossa fé.

Avante, educadores espíritas!

Tenhamos o olhar voltado para o futuro, pois a eternidade nos aguarda, e as sementes que hoje plantamos no solo das mentes e corações infantojuvenis, haverá amanhã de germinar e florescer, pois a vida sempre continua, e devemos compreender que esse futuro é dependente do que estamos fazendo hoje, motivo pelo qual devemos educar e mais educar, a começar pela nossa própria educação.

Que o conteúdo desta edição seja luz em sua mente e bálsamo em seu coração. Lembre-se, educador, que o amor é a base da educação, mas que o amor deve ser dinâmico, criativo, perseverante, pois somente assim haveremos de realizar a transformação moral da humanidade, que começa pela transformação moral das individualidades.

Boa leitura!

Receba meu fraternal abraço.

Marcus De Mário
Marcus De Mario
Editor-chefe

Entrevista

Gladis Pedersen: o papel da educação no desafio da atualidade

Redação



Gladis Pedersen

O papel da educação do espírito na atualidade é desafiador. Despertar nas crianças e jovens os melhores valores, baseados nos ensinamentos do Evangelho e nas bases do espiritismo para que se tornem pessoas melhores, adultos mais felizes, nem sempre é tarefa fácil. Ex-presidente da Federação Espírita do Estado do Rio Grande do Sul, Gladis Pedersen de Oliveira é graduada em Pedagogia e pós-graduada em Ciências da Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com larga experiência como educadora, diretora e supervisora pedagógica. É autora e organizadora do projeto Coleção Conte Mais (Feergs). Vale a pena acompanhar suas reflexões na entrevista a seguir:

O espiritismo está cumprindo seu papel de educação social?

Allan Kardec previu que a última etapa da divulgação do espiritismo seria atingir a sociedade como um todo. Este processo está acontecendo gradativamente através da divulgação nos centros espíritas para as pessoas da comunidade onde ele está inserido e também pelo livro, pela imprensa e pelas redes sociais. Primeiro é preciso que haja o conhecimento das bases doutrinárias para ser assimilado; no segundo passo vem a aplicação do conhecimento em nossas vidas. A aprendizagem só se verifica quando a pessoa aplica em sua vida o que aprendeu. Os espíritas deveriam ser menos acomodados e investir mais na propaganda da doutrina espírita como o consolador prometido por Jesus, para acelerar a influência do espiritismo

na educação social.

O que é, afinal, educar?

Educação deriva de educar que, na sua origem latina, era composta por duas palavras: ex e ducere. 'Ex' significa tirar de dentro e conduzir para fora, extrair; 'ducere' significa conduzir, o que pode ser entendido como extrair do educando todo o potencial divino que ele traz em germe dentro de si. Assim, educar, no verdadeiro sentido, é estimular o desabrochar de tudo de bom que a pessoa traz em si, desde a mais tenra infância. Esta grande tarefa compete, primeiramente, aos pais, à família; depois, à escola e à sociedade organizada.

Tantos conflitos familiares, violência e desentendimentos na Terra. A educação dos homens está sendo falha?

A educação, de um modo geral, privilegia mais o desenvolvimento do intelecto, da instrução racional em detrimento da educação emocional, moral e espiritual. A família é o grupo especial para começar a vivência da fraternidade e do respeito. Para tal, os pais têm que dar o exemplo, serem os primeiros educadores dos filhos, corrigirem os erros de forma firme, mas amena, serem a representação da autoridade moral. Seja o dizer dos pais: sim, sim; não, não. Evitar gritar, mas conversar, esclarecer, sem mudar o tom de voz, não impor, mas propor. O hábito da prece em família, do Evangelho no lar, do diálogo, vai ajudar a amenizar os conflitos e desentendimentos.

O que podemos fazer para educar melhor nossos filhos?

Começar a educar o filho desde a gestação e intensificar a educação nos primeiros anos de vida. A fase infantil é a mais propícia para o aprendizado do bem. O que se aprende no lar fica gravado, indelévelmente, no psiquismo. A mente infantil absorve todas as informações que recebe, tanto o que é certo quanto o que é errado. A identidade moral é construída desde a infância e deve ser consolidada até por volta dos catorze anos. Os pais não devem perder este período e é preciso que eles tenham um plano claro de educação moral, emocional e espiritual para os filhos com o objetivo de formar uma pessoa de bem. A alma da criança precisa ser nutrida de amor e exemplos do bem, com base no Evangelho de Jesus. Orar com a criança, falar em Deus, mostrar a natureza. O espírito da criança precisa aprender o caminho de volta para Deus, ser cultivado como um solo fértil.

Há quem diga que no passado éramos mais educados e preparados para os desafios da vida. Você concorda?

Sim, concordo, pois no passado, os meios de comunicação de massa eram mais restritos. O lar era a base e todos tinham que colaborar de alguma forma para mantê-lo. A mãe ficava em casa com a família, mais numerosa. Havia mais diálogo e os papéis eram mais definidos. Hoje há mais individualismo, silêncio, falta de diálogo e de aconchego no lar. Precisamos contar histórias para nossas crianças,

olhá-la nos olhos, perceber suas emoções, orar com elas, passear de mãos dadas junto à natureza apreciando os espetáculos que ela apresenta. Nesses momentos mágicos é que se é genuinamente feliz.

Hoje vemos pessoas mais preparadas intelectualmente, mas também com muito mais crises existenciais, depressões, suicídio, etc. Como educar para a felicidade?

As pessoas podem estar mais preparadas intelectualmente pois desenvolvem, preferentemente, a dimensão intelectual da inteligência. As dimensões moral, emocional e espiritual estão sendo desenvolvidas de forma precária. Atualmente, na infância, as crianças não estão sendo frustradas ou contrariadas, sendo atendidas em todas suas exigências. Irão enfrentar, no futuro, os desafios naturais da vida e as contrariedades. Tornar-se-ão pessoas infantilizadas que não cresceram emocional e espiritualmente. Educar para a felicidade significa criar o filho dentro da realidade, mostrando o verdadeiro sentido da vida, que somos espíritos imortais criados por Deus e estamos juntos enfrentando as dificuldades para evoluirmos.

A educação moral é obra de trabalho individual? Como estimular esse processo dentro de nós?

A identidade moral é construída desde a tenra infância, até por volta dos catorze anos. O processo reencarnatório começa antes da gestação e se consolida na adolescência. É neste período que se educa moralmente. Se isso não

acontecer pela educação, vai ocorrer pela dor, pelo sofrimento, nas outras fases da vida. Neste ponto, a doutrina espírita tem um papel preponderante; o jovem, o adulto ou o idoso poderá ser despertado para o verdadeiro sentido da vida e modificar sua percepção sobre as leis divinas, no estudo da doutrina e na vivência de seus postulados.

O que esperar da educação no futuro para o progresso espiritual do planeta?

Nós somos muito otimistas sobre o futuro. O espiritismo, no Brasil, deu um grande passo com a Campanha Permanente de Evangelização Espírita Infanto-Juvenil da FEB, desde 1977. Em 2000, quando a UNESCO lançou os quatro pilares para a educação do Terceiro Milênio – aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a conviver e apreender a ser – percebemos que o trabalho de evangelização no Brasil tinha se antecipado nesta linha de ação. Surge agora o quinto pilar: aprender a crer. A Evangelização sempre trabalhou este pilar, ou seja, o desenvolvimento da espiritualidade e da fé. Assim, temos que investir mais nesta linha de ação para melhorar nosso futuro.

Como educar a família para que haja menos conflitos e mais felicidade nos lares?

O Evangelho no Lar é um recurso especial para evangelizar a família; aprendemos a tolerar, respeitar, aceitar o outro como ele é. Os pais têm que se autoeducar, corrigir seus defeitos, dar exemplos para os filhos, dialogar mais, oportuni-

zar momentos simples de reunião na família, de forma descontraída, sem cobrança de nada, com camaradagem. Ouvir mais e falar menos.

Qual o limite entre a liberdade e a responsabilidade? Ser livre é ser educado?

Toda a liberdade tem limites; não há liberdade absoluta, só a de pensamento. Como somos seres sociais, dependemos uns dos outros. Por isso temos a responsabilidade de respeitar o outro, assim como queremos ser respeitados em nossos direitos. Saber usar o livre-arbítrio envolve o dever de não ultrapassar o limite entre a liberdade pessoal e o direito do próximo. Para isso é preciso se autoeducar.

Como os ensinamentos de Jesus podem ser divulgados mais adequadamente para a época atual?

Temos o dever de divulgar, cada vez mais, o Evangelho de Jesus no lar, no centro espírita, na vida social. O evangelho segundo o espiritismo deve ser o livro básico para isso. Dentro do possível, deve ser colocado à disposição das pessoas, presenteado, estudado na tribuna do centro espírita, nos congressos espíritas, esquecido nos bancos das praças, dos ônibus... Muitas vezes a pessoas, por sua maneira equilibrada de agir, demonstra a vivência do evangelho e serve de exemplo para muitos.

Como vê o futuro do espiritismo no Brasil e no mundo como obra de transformação moral para a Humanidade?

Vemos este futuro com muita esperança. O acervo de boas obras espíritas, começando com as básicas, é muito grande. Percebemos que o tempo que nos resta nesta encarnação não será suficiente para abarcarmos todo este conteúdo. Estamos despertando para a busca do conhecimento espírita sério, consciencioso, individual e em grupo. Temos em mãos um tesouro inestimável.

Poderia citar algumas recomendações para que o ano de 2019 seja mais proveitoso para todos nós?

Agradeçamos a Deus a oportunidade de estarmos encarnados no Brasil. Temos que aproveitar o novo ano para estudar mais e trabalhar no bem, procurar viver de acordo com o “amai-vos uns aos outros”, como ensinou Jesus.

Suas considerações finais.

Evangelizemos a criança e o jovem. Se eles forem deixados à margem da mensagem de Jesus terão muitas dificuldades no futuro. Fiquemos alertas quanto às comunicações nas redes sociais pois, atualmente, muitos estão ficando tecnodependentes do uso dessas mídias, principalmente crianças e jovens. As pessoas estão cada vez mais individualistas, isoladas, com dificuldades de comunicarem-se normalmente, olho no olho, expressarem suas emoções e sentimentos, mesmo dentro do lar. Estranhos uns aos outros, dentro do mesmo teto.

Originalmente publicado em cor-reio.news/entrevista/o-papel-da-educacao. **REE**

Estante Espírita

O GRANDE ENIGMA

LÉON DENIS

“Nas horas pesadas da vida, nos dias de tristeza e de acabrunhamento, leitor, abre este livro! Eco das vozes do Alto, ele te dará coragem; inspirar-te-á a paciência e a submissão às leis eternas!” — assim escreveu Léon Denis na introdução desta obra. O porquê da existência do homem e a lei do destino são os temas centrais de O grande enigma, que nos revela um Deus de justiça, mas também de amor infinito. Ele faz uma análise do Universo em sua harmoniosa e solidária atividade; estuda os elementos da Natureza; explica que “cada ser gravita em um círculo, cada vida descreve um circuito”, que toda história humana se divide em ciclos.

FEB Editora – 184 páginas



CONSTELAÇÃO FAMILIAR

JOANNA DE ÂNGELIS / DIVALDO FRANCO

O destino da sociedade está indissolivelmente ligado ao destino da família, pois esta constitui a base, o alicerce onde se inicia a experiência da fraternidade universal. Nesta maravilhosa Obra, Joanna de Ângelis nos oferece, através de trinta temas, profundas reflexões sobre o mecanismo de desenvolvimento espiritual e moral do ser humano, destacando o valor e a importância da família (pelos laços corporais e espirituais), cuja existência ainda é um dos principais fatores, senão o mais importante, para evitar-se a desagregação da sociedade. As abalizadas reflexões da Veneranda sobre a constelação familiar traduzem a firme posição do Espiritismo em relação a este tema.

LEAL Editora – 200 páginas

O SER E O EXISTIR NA VISÃO ESPÍRITA

MARCUS DE MARIO

Na procura pela definição da própria vida, um embate fervoroso tem sido travado pelos pensamentos materialista e espiritualista, pela ciência e pela religião. Quem somos? De onde viemos? O que estamos fazendo aqui? Para onde vamos? Somos ou não uma alma? Existe vida depois da morte? Por que sofremos? Seremos plenamente felizes? Deus existe? Como explicar o Universo? Outros planetas são habitados? Precisamos de respostas que nos convençam plenamente através do pensamento lógico, racional, sem ferir o bom senso, e com respaldo em observações sérias sobre os fenômenos que compõem a vida, enaltecendo seu propósito e sua transcendência.

Casa Editora O Clarim – 208 páginas



Dinâmica da evangelização espírita



Marcus De Mario

O ensino religioso costuma ser impositivo, ou seja, pede aceitação de verdades compartilhadas pelo grupo, sem possibilidade de reflexão ou contestação.

Marcus De Mario é educador, escritor e palestrante. Coordena o grupo de estudo espírita Seara de Luz. É editor do canal Orientação Espírita no YouTube. Possui 40 livros publicados. É editor-chefe da Revista Educação Espírita.

Em visita a um centro espírita, onde fomos recebidos com muito carinho e fraternidade, a responsável pela evangelização infantojuvenil, uma simpática senhora que, por certo, a criançada já devia chamar de vovó, pois que ali estava nesse trabalho fazia quase cinquenta anos, narrou-nos os procedimentos, rotinas e atividades que ela praticava, junto com outra companheira, também de idade mais distante da juventude. Notava em seus olhos o brilho do amor e dedicação à tarefa evangelizadora das crianças, mas tudo o que me descreveu estava pedagogicamente ultrapassado, parado no tempo, como se ali não estivéssemos no século vinte e um, mas sim, quando muito, na década de mil nove-

centos e oitenta do século vinte.

Indaguei se ela acompanhava as orientações do movimento espírita, e se tinha leitura dos principais educadores espíritas, e ela confessou estar tão atarefada com a família e o centro espírita, onde também desenvolvia outras tarefas, que não tinha tempo para ler e estudar novos materiais, mas que ela tinha feito mais de um curso de capacitação de evangelizadores, isso, provavelmente, quando jovem, e digo provável, porque ela não me disse quando havia feito esses cursos. Acontece que um educador não pode se dar por satisfeito e parar de estudar e de se educar. A educação é um processo dinâmico e contínuo.

Então, veio a famosa queixa: as crianças estão sumindo do centro espírita; os pais não mostram mais



interesse em levar os filhos para a evangelização. Perguntamos: porquê? Ela vagueou os olhos pelo ambiente, e respondeu depois de pensar por alguns instantes: “Deve ser por causa dessas coisas novas de tecnologia, hoje em dia as crianças só querem saber de celular, e aqui nós não permitimos seu uso. Falar de Jesus com elas é um problema.”

Bem, as tais coisas novas de tecnologia atestam a evolução científica, e portanto do conhecimento, que a humanidade vem realizando nas últimas décadas, dando-nos a internet, as telas digitais, a inteligência artificial e tantas outras coisas que agora fazem parte do nosso modo vivencial. Tempos atrás precisávamos ir a uma agência bancária para pagar as contas do mês, agora utilizamos um aplicativo instalado no celular e tudo fazemos: pagamentos, transferências, aplicações, quase tudo. Isso não pode ser desconsiderado pelos

evangelizadores.

Já se foi o tempo do uso do flanelógrafo, do jogral e outras práticas educacionais que tiveram sua importância no passado, mas que hoje não mais correspondem à realidade das novas gerações. E o uso de dependências físicas não adaptadas às crianças é outro problema, pois muitos centros espíritas ainda utilizam do improviso para o desenvolvimento da evangelização.

Precisamos acordar para a importância e dinâmica da evangelização espírita infantojuvenil, que deve ser prioridade nos serviços prestados pelo centro espírita. Para uma melhor dinâmica, os evangelizadores precisam entender que devem parar de dar aula, de querer ensinar e ensinar, pois estamos lidando com seres humanos que são espíritos reencarnados, que possuem um determinado grau de progresso, que pensam

e sentem, que sonham e são criativos, que possuem o potencial divino para desenvolver, e que necessitam dos devidos estímulos para isso. Não temos que ensinar, mas estimular, orientar, facilitar, por isso a aula deve ser substituída por rodas de conversa, pesquisas, debates, atividades mais práticas e ligadas à vida.

E, por mais amor tenhamos à tarefa evangelizadora espírita, devemos compreender a necessidade de ampliarmos a equipe de colaboradores, permitindo aos jovens se qualificarem para a tarefa, chegando o momento de nos retirarmos ou ficarmos apenas na supervisão ou coordenação geral, mas sem atrapalhar, sem ficarmos parados no tempo, o que somente irá prejudicar o processo.

Tanto a criança quanto o jovem gostam de participar, e trazem atualmente uma bagagem grande

de conhecimentos, pois a tecnologia digital muito facilitou isso, e não podemos descartar sumariamente essa realidade. Recomendamos a leitura e estudo das obras dos educadores espíritas Lucia Moysés e Walter Oliveira Alves, cujos livros estão publicados e disponíveis, onde o evangelizador irá encontrar farto material teórico e prático voltado para a evangelização infantojuvenil. Devemos dizer que é uma obrigação, um dever de consciência, todo evangelizador espírita, individualmente e em grupo, fazer essas leituras e estudos.

Para terminar, deixemos uma indagação no ar: será que a queda de frequência das crianças e dos jovens, não é também motivada pela falta de dinâmica, criatividade e atualidade dos procedimentos utilizados pelos evangelizadores? Pensemos... **REE**



O DNA e a educação do espírito



Sol Souza

Ao compreendermos o papel do perispírito como intermediário entre o espírito e o corpo, percebemos que a transformação interior não é apenas uma ideia, mas um processo que tende a repercutir na harmonia geral do ser.

Sol Souza começou no Espiritismo aos 12 anos, no Instituto Kardecista da Bahia, em Salvador. É formada em História, pós graduada em História Moderna e Contemporânea, fez o curso de Educação e Espiritualidade e atualmente cursa a Pós Graduação EAD em Educação. Mora em Portugal.

Quando pensamos em educação, é comum limitarmo-nos à ideia de conteúdos, métodos e instituições. Entretanto, há um nível mais profundo desse processo, que Herculano Pires chamou de Educação do espírito. Esta é uma formação que não se esgota no intelecto, mas alcança a consciência e o modo de viver.

Ao aproximarmos essa visão de algumas reflexões contemporâneas, como as propostas por Gregg Braden, surge uma leitura simbólica interessante, a de que o ser humano não é apenas um acumulador de informações, mas um participante ativo na forma como

expressa a própria vida, inclusive no corpo. Ainda que não possamos afirmar, em termos científicos rigorosos, que pensamentos e emoções reprogramem diretamente o DNA, é inegável que influenciam comportamentos, escolhas e estados internos que se refletem no equilíbrio biológico.

Educar o espírito, nesse sentido, é um exercício contínuo de responsabilidade sobre si mesmo. No Espiritismo, o espírito não ocupa o corpo de forma passiva, ele orienta, aprende, erra e refaz os caminhos. Cada esforço de auto-domínio, cada revisão de atitudes e cada decisão mais consciente constituem, na prática, um processo educativo que repercute na

forma como vivemos e sentimos.

A ideia de “Sois deuses” deixa então de ser uma exaltação simbólica e passa a ser um chamado à maturidade. Ser um “deus em formação” não implica poder absoluto, mas responsabilidade progressiva. Raiva, orgulho e egoísmo não são forças externas que nos dominam, são estados que precisamos aprender a reconhecer, gerir e transformar. Da mesma forma, virtudes como a paciência, a lucidez e a compaixão não surgem por acaso, exigem treino, repetição e escolha.

A educação do espírito não acontece de modo abstrato. Ela se concretiza em práticas simples, porém, exigentes: vigiar o pensamento, refrear os impulsos, sustentar atitudes coerentes mesmo quando não há retorno imediato. É nesse terreno, do cotidiano, das relações, das pequenas decisões, que se constrói o verdadeiro aprendizado.

Ao compreendermos o papel do perispírito como intermediário entre o espírito e o corpo, percebemos que a transformação interior não é apenas uma ideia, mas um processo que tende a repercutir na harmonia geral do ser. Não se trata de promessas de curas ou soluções rápidas, mas de reconhecer que há uma ligação profunda entre o modo como pensamos, sentimos e vivemos.

Resta-nos a compreensão de que a maior escola não está fora de nós. Está na forma como conduzimos a própria existência. Educar o espírito é deixar de viver no automático e assumir, com lucidez, o trabalho de se tornar melhor,

não por idealismo vazio, mas por consciência das consequências. É um caminho exigente, sem atalhos, mas o único que realmente transforma.

Referências

KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos

KARDEC, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo

LIPTON, Bruce. A Biologia da Crença

BRADEN, Gregg. A Matrix Divina
PIRES, J. Herculano. Pedagogia Espírita

PIRES, J. Herculano. O Espírito e o Tempo

PIRES, J. Herculano. Educação para a Morte. **REE**



Zilda Gama

Redação



Zilda Gama

Foi professora e diretora de escola, sendo agraciada em concursos promovidos pela Secretaria de Educação de Minas Gerais. Ainda jovem, Zilda Gama começou a perceber a presença dos Espíritos.”.

Zilda Gama nasceu em 11 de março de 1878, em Três Ilhas, em Juiz de Fora (MG), e desencarnou em 10 de janeiro de 1969, no Rio de Janeiro. Era a segunda filha dos 11 filhos de Augusto Cristina da Gama, escrivão de paz, e Elisa Emílio Klörs da Gama, professora estadual.

Fez seus estudos com a própria mãe. Posteriormente, matriculou-se na Escola Normal de São João Del Rei, onde recebeu o diploma de professora primária. Ainda jovem, com apenas 24 anos, ficou órfã dos pais, tendo que assumir a direção da casa, cuidando de cinco irmãos menores e, posteriormente,

de outros cinco sobrinhos órfãos.

Foi professora e diretora de escola, sendo agraciada em concursos promovidos pela Secretaria de Educação de Minas Gerais. Ainda jovem, Zilda Gama começou a perceber a presença dos Espíritos. Recebeu mediunicamente mensagens de seu pai e de sua irmã, já desencarnados, que a aconselhavam e a consolavam nos momentos de provas difíceis pelos quais estava passando. Em 1912, recebeu interessante mensagem assinada por Allan Kardec. Após essa manifestação, o Codificador propiciou-lhe outros ensinamentos, os quais foram impressos no livro *Diário dos Invisíveis*, publicado em 1929.

Em 1916, os Benfeitores informaram-lhe que passaria a psicografar uma novela, fato que a deixou bastante perplexa. O Espírito de Victor Hugo passou então a escrever por seu intermédio. Dentro de pouco tempo, a primeira obra, *Na Sombra e na Luz*, estava completa. Posteriormente, sob a tutela do mesmo Espírito, vieram os livros *Do Calvário ao Infinito*, *Redenção*, *Dor Suprema* e *Almas Crucificadas*, todas publicadas pela FEB.

Educadora e feminista

Em 1927, participou do Congresso de Instrução, em Belo Horizonte. Em 1929, obteve o primeiro lugar em concurso promovido pela Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, com um trabalho sobre *Aulas Modelo*, quando foi inscrita na Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte, concluindo o curso em 1931.

Segundo seu próprio depoimento na introdução do romance mediúnico *Na Sombra e Na Luz*, trabalhou tanto em escolas públicas quanto em escolas particulares, alternando-se no magistério e na direção escolar, isso durante quase toda a sua vida, tendo sempre se dedicado à educação.

Nesse mesmo ano (1931) ela teria participado de um congresso sobre os direitos da mulher, onde apresentaria tese sobre o voto feminino. Apesar dessa informação aparecer em suas biografias, não conseguimos encontrar registro desse fato, motivo pelo qual fazemos ressalva quanto a ser essa informação verdadeira, embora seja possível. Pois à época, no estado

de Minas Geras havia intensa mobilização das mulheres pelos seus direitos civis. Essa movimentação culminará na aprovação, em 1932, do voto feminino nas eleições.

O trabalho na imprensa leiga

Zilda Gama escreveu contos e poesias para vários jornais, destacando-se o *Jornal do Brasil*, a *Gazeta de Notícias* e a *Revista da Semana*, todos da antiga capital federal, no Rio de Janeiro.

Além de educadora, também exerceu o jornalismo profissional em jornais de Juiz de Fora, Ouro Preto, São Paulo e Rio de Janeiro.

Produção literária

Outras publicações produzidas pela sua mediunidade: *O Solar de Apolo*, *Na Seara Bendita*, *Na Cruzada do Mestre* e *Elegias Douradas*.

Didata por excelência, organizou os seguintes livros pedagógicos: *O Livro das Crianças*, *Os Garrotilhos*, *O Manual das Professoras* e *O Pensamento*.

O final da existência

Em 1959, após sofrer derrame cerebral, viveu numa cadeira de rodas, assistida pelo sobrinho Mário Ângelo de Pinho, que lhe fazia companhia. Zilda Gama, alma de escol, dedicou toda a sua longa existência ao propósito de difundir no Brasil a consoladora Doutrina dos Espíritos e a Educação, tendo vivido até quase os 91 anos, tornou-se paradigma para todos os que encaram a mediunidade e a educação como sacerdócio lúdico e autêntico. **REE**

Senão quando perfeitos

Percebe-se, com clareza, que o interesse é nosso mesmo. Somos nós mesmos que devemos nos interessar e progredir, para chegar a Deus.



Orson Peter Carrara

Em todo texto, muitas vezes na linha de um parágrafo, sempre há detalhes – e que sempre passa despercebido numa leitura rápida – que trazem profundo significado, seja no todo ou no contexto específico de uma linha de raciocínio. Vez por outra, numa leitura mais atenta, eles saltam aos olhos. O hábito de estudar e pesquisar permite descobrir esses tesouros ocultos, embora ali expostos e escritos, mas não percebidos.

Os textos de Kardec são assim. Escritos há quase dois séculos, são fonte riquíssima de detalhes que gradativamente vamos descobrindo, seja pelo próprio amadurecimento do leitor, seja pela evolução das ideias e mesmo pelas modificações sociais que vão permitindo

identificar ângulos antes não percebidos, embora quando descobertos vemos como são claros e óbvios.

Um deles – entre outros, claro – está no item 10 do capítulo 8 – Bem-aventurados aqueles que têm puro o coração, em O Evangelho Segundo o Espiritismo.

A afirmação está inserida no subtítulo Verdadeira pureza. Mãos não lavadas. A afirmação está no 3º. parágrafo do item acima referido: “(...) o homem não chega a Deus senão quando está perfeito (...)”. O texto, no seu todo, está repleto de observações muito valiosas, antes e depois da afirmação em destaque. Mas, avalie-se calmamente o alcance e profundidade da afirmação.

Embora seja algo óbvio e claro o que ali está afirmado, notemos as perspectivas que abre

Orson Peter Carrara é escritor e palestrante espírita, residindo na cidade de Matão/SP, com vários livros publicados.

para maior entendimento dos fundamentos do Espiritismo, envolvendo a evolução – onde estão inseridos o aprimoramento moral, as experiências da pluralidade das existências e outros – e mesmo para perfeita compreensão das Leis de Deus, onde não há qualquer tipo de privilégio ou preferências. O esforço é individual, apesar das experiências coletivas, e referido estado de perfeição – embora relativo, já que ninguém alcança o Criador – deverá ser conquistado do Espírito por meio de laborioso aprendizado.

E este “está perfeito” traduz-se por total ausência de apegos ou malícias, libertação do egoísmo e orgulho, tolas vaidades, pretensões e outras posturas incompatíveis com a perfeição que a evolução produz no espírito, embora o ritmo dela dependa do próprio protagonista, de seus esforços ou descuidos com a questão.

Percebe-se, com clareza, que o interesse é nosso mesmo. Somos nós mesmos que devemos nos interessar e progredir, para chegar a Deus. No texto onde a afirmação está inserida, todavia, o Codificador refere-se aos objetivos da religião, que são exatamente conduzir a criatura humana na direção dessa compreensão. Sugiro ao leitor consultar o referido item 10. Afinal, não estamos solitários ou abandonados no evoluir. Vários outros meios e fatores nos ajudam nessa direção, mas a perfeição – repito, ainda que relativa – é fruto do esforço continuado de

cada um, apesar da convivência coletiva, que muito influi em tudo isso.

Ressalte-se, com grande expressão, que é um processo educativo. Autoeducativo e igualmente, por consequência, de contágio educativo para outras pessoas. Afinal, quando nos educamos também educamos os outros. Da mesma forma que somos educados pela transformação alheia. Aliás, todo esforço pessoal no bem é educativo.

Nada de ilusões, portanto. A sabedoria do Criador assim estabeleceu. Prossigamos trabalhando por esse ideal nesse gigantesco processo de aprendizado. **REE**



Adolescência, privacidade e autoconhecimento: o desafio de educar para a interioridade



Dalva Silva Souza

O adolescente, à semelhança de um filósofo, questiona o sentido da vida e busca respostas. Se o adulto não estiver atento, poderá direcioná-lo, mesmo sem intenção, para valores consumistas e transitórios.

A adolescência é um período singular da existência humana. Trata-se de uma fase de transição entre a infância e a vida adulta, marcada pela busca de identidade, pela necessidade de pertencimento e pelo desejo profundo de compreender a si mesmo e o mundo. Nesse processo, surgem conflitos, inseguranças e descobertas que exigem dos pais sensibilidade e discernimento.

Um dos aspectos mais marcantes dessa etapa é a necessidade de privacidade. O adolescente precisa de um amigo para trocar confidências, dividir dúvidas e compartilhar segredos. Raramente escolhe os pais para essa função — não por falta de amor, mas por receio de julgamentos ou incompreensão. Respeitar a privacidade do jovem é

essencial para sua saúde mental. A invasão de seu espaço íntimo, a exposição de suas escolhas a terceiros ou a postura de “posse” por parte dos pais geram angústia, afastamento e solidão. Educar não é vigiar; é orientar com respeito.

Vivemos numa cultura que teme a solidão. Muitos pais resistem à ideia de ver os filhos sozinhos, entretanto aprender a estar só é condição indispensável para o autoconhecimento. Desde cedo, é importante cultivar momentos de interiorização. Uma agenda excessivamente preenchida impede o jovem de refletir, sonhar acordado, avaliar sentimentos e organizar pensamentos. Educar é também ensinar a pensar — e pensar exige pausa. A prática da leitura, da meditação sobre um pensamento elevado ou da reflexão silenciosa

Dalva Silva Souza é formada em Letras, é escritora, conferencista espírita, além de professora aposentada. Atualmente, coordena o Núcleo de Estudo do Evangelho da Federação Espírita do Estado do Espírito Santo..

fortalece a identidade e amplia a consciência. Como toda habilidade, o pensar profundo requer exercício e constância.

Outro desafio contemporâneo é a superficialidade intelectual. A ausência do hábito da leitura e da interpretação compromete a capacidade crítica. Pais e educadores têm papel fundamental na seleção de conteúdos edificantes e no estímulo ao diálogo. Assistir a filmes juntos, debater temas atuais e refletir sobre questões existenciais são estratégias valiosas. O adolescente, à semelhança de um filósofo, questiona o sentido da vida e busca respostas. Se o adulto não estiver atento, poderá direcioná-lo, mesmo sem intenção, para valores consumistas e transitórios. As respostas mais profundas não se encontram no brilho efêmero do mundo externo, mas nos valores éticos e imorredouros que estruturam o caráter.

A amizade, nessa fase, exerce influência recíproca intensa. É importante respeitar o amigo escolhido pelo filho, ainda que cause estranheza, mantendo atenção equilibrada quanto ao caráter e à visão de mundo dessa companhia. Segundo estudiosos da família, a adolescência é o momento em que o indivíduo experimenta novos papéis sociais e ensaia alternativas para consolidar sua identidade. Trata-se de um período de desorientação natural, tanto interna quanto

externamente. Compete ao adulto oferecer condições para que essa construção aconteça de forma saudável, sem imposições sufocantes nem omissões negligentes.

Talvez o maior aprendizado para os pais seja desenvolver a capacidade de ouvir. Ouvir sem interromper. Ouvir sem julgar precipitadamente. Ouvir para compreender. Cada filho é um ser único, com diferenças próprias, inclinações particulares e ritmo singular de amadurecimento. Permitir que o outro seja ele mesmo — com suas dúvidas, conflitos e descobertas — é um exercício de amor e humildade.

Educar é abrir espaço para que o jovem se descubra, enfrente seus conflitos e construa sua própria história. É caminhar ao lado, não à frente; apoiar sem invadir; orientar sem dominar. No respeito à privacidade, no incentivo ao autoconhecimento e na valorização dos princípios éticos, encontra-se o caminho de uma educação verdadeiramente transformadora.

A adolescência, período de transição entre a infância e a vida adulta, adquire significado ainda mais profundo quando analisada sob a ótica da Doutrina Espírita. Não se trata apenas de uma fase biológica ou psicológica, mas de um momento decisivo na trajetória do Espírito reencarnado, que retoma experiências pretéritas e se prepara para novos compromissos evolutivos.

O Espiritismo nos ensina que a infância é período de maleabilidade, no qual o Espírito reencarnado se encontra mais acessível às influências educativas. À medida que avança para a adolescência, sua individualidade espiritual reaparece com mais força. Tendências, inclinações e conflitos muitas vezes não nascem apenas do presente, mas refletem conquistas e desafios de existências anteriores. Compreender o adolescente como Espírito imortal modifica profundamente a postura educativa. Ele não é propriedade dos pais, mas um ser em processo de aperfeiçoamento, confiado temporariamente ao lar para orientação e amparo.

A necessidade de privacidade, tão marcante na adolescência, pode ser entendida como movimento natural de interiorização. O jovem começa a confrontar-se consigo mesmo, com suas sombras e potencialidades. A invasão constante de seu espaço íntimo pode gerar rebeldia ou retraimento, pois fere o princípio do respeito à individualidade — valor essencial na lei divina. Educar, à luz do Espiritismo, é orientar com amor e exemplo, jamais impor pela força ou pelo constrangimento. O diálogo fraterno cria laços de confiança que estarão formando adultos

dissimulados e medrosos. Gritar é a pior forma de comunicação. O grito agride, enerva e não convence. A violência física é humilhante. Se, ao contrário, forem permissivos e criarem os filhos com excesso de mimo e falta de limites, formarão adultos “explosivos” e profundamente atormentados.

A Doutrina Espírita valoriza profundamente o recolhimento e a reflexão. O autoconhecimento é passo indispensável ao progresso moral. Como ensina Santo Agostinho (Espírito), o exame diário da consciência é prática libertadora. Ensinar o jovem a estar só, a meditar, a refletir sobre suas ações e sentimentos é ajudá-lo a desenvolver responsabilidade espiritual. A solidão construtiva não é abandono, mas oportunidade de encontro com o “eu profundo”, onde a consciência divina se manifesta.

A adolescência é também fase de maior sensibilidade às influências — tanto de encarnados quanto de desencarnados. As amizades exercem influência recíproca significativa, mas o Espiritismo amplia essa compreensão ao esclarecer que também sofremos a ação de Espíritos que se afinam com nossos pensamentos e tendências. Daí a importância da vigilância e da oração no ambiente familiar. Um lar que cultiva valores éticos, leitura edificante e conversações elevadas cria

campo mental favorável à proteção espiritual.

O mundo contemporâneo estimula o consumismo e a busca de prazeres imediatos, entretanto a Doutrina Espírita recorda que o verdadeiro progresso é o moral. A inteligência sem ética pode produzir grandes realizações materiais, mas não assegura felicidade. Ao educador compete apontar valores permanentes — responsabilidade, caridade, honestidade, respeito — que transcendem a existência física. O jovem, quando compreende que é herdeiro de si mesmo e construtor do próprio destino, passa a encarar escolhas com maior maturidade.

Jesus, modelo maior da humanidade, sempre ouviu antes de orientar. A pedagogia do Cristo baseava-se no acolhimento e na compreensão das necessidades individuais. Se queremos educar à luz da Doutrina Espírita, precisaremos nos inspirar nesse mesmo princípio. Ouvir o adolescente, aceitar suas diferenças e auxiliá-lo na construção de sua identidade, colaborando com o plano divino para aquele Espírito. Lembremo-nos sempre de que a autoridade moral nasce do exemplo, não da imposição.

A adolescência, à luz do Espiritismo, é etapa de reafirmação do Espírito imortal em sua jornada evolutiva. Respeitar a privacidade, incentivar o autoconhecimento,

cultivar valores éticos e oferecer diálogo fraterno são atitudes que harmonizam o lar e fortalecem o jovem em suas escolhas, cooperando com Deus na formação de consciências livres, responsáveis e amorosas.

Referências

KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. Tradução de Guillon Ribeiro. 47a ed. Rio de Janeiro: FEB, 1979.

BRANDÃO, Leila & SOUZA, Dalva. Manual para Pais e Professores de Adolescentes. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Celeiro, 2005. [REE](#)



Atividade prática: Jogos cooperativos

Redação

Encerre cada jogo com uma conversa sobre solidariedade e cooperação, lembrando que vivemos em sociedade, na relação uns com os outros.

Os *Jogos Cooperativos* estimulam a solidariedade e o objetivo comum do grupo, fazendo com que os indivíduos deixem de competir entre si para estabelecer formas organizadas de convivência e auxílio mútuo.

Não esqueça, educador, de fazer as adaptações necessários ao seu grupo de educandos.

Encerre cada jogo com uma conversa sobre solidariedade e cooperação, lembrando que vivemos em sociedade, na relação uns com os outros.

1. Autógrafos

Cada educando recebe uma folha de papel em que deverá, ao sinal de comando do educador, conseguir o maior número de autógrafos de seus colegas, no

tempo de 1 (um) minuto. Não vale autógrafo repetido. Após esse minuto, o educador solicita que os educandos identifiquem os fatores que dificultam a realização do objetivo do jogo (conseguir os autógrafos dos colegas). Depois desse debate, inicia o segundo tempo, dando mais 1 (um) minuto para que os educandos colem os autógrafos, mas antes de iniciar o segundo tempo, solicita que todos parem para pensar juntos. No final, questiona sobre os fatores que facilitam o jogo. A comparação dos fatores, os que dificultam e os que facilitam, mostrará que o grupo iniciou a tarefa em conflito e depois, utilizando a cooperação, conseguiu realizar a tarefa.

2. Dança das Cadeiras

Colocar em círculo um número de cadeiras menor que a metade do número de participantes.

Em seguida propor o objetivo comum: terminar o jogo com todos os participantes sentados nas cadeiras que sobrarem. Colocar música para todos dançarem. Quando a música parar, TODOS devem sentar usando as cadeiras (e os colos uns dos outros). Em seguida o educador tira uma ou duas cadeiras (e assim sucessivamente). Ninguém sai do jogo e a dança continua até nova parada (e assim por diante). Os educandos vão percebendo que podem se liberar dos velhos, desnecessários e bloqueadores “padrões competitivos”. Na medida que se desprendem dos antigos hábitos, passam a resgatar e fortalecer a expressão do “potencial cooperativo” de jogar e viver. O jogo prossegue até restar uma cadeira, ou mesmo sem cadeira (vai até onde o grupo desejar).



3. Seguindo o Chefe

Divida a turma em grupos de cinco educandos, colocando-os sentados no chão. Cada grupo terá como tarefa desenhar um barco utilizando uma folha de papel e um lápis, sendo que cada educando só poderá fazer uma ação de cada vez, passando em seguida o lápis para outro participante (exemplo: faz um traço, para e a próxima ação é de outro educando). Os educandos terão também de obedecer as seguintes características individuais:
Educando 1 - é cego e só tem o braço direito.
Educando 2 - é cego e só tem o

braço esquerdo.

Educando 3 - é cego e surdo.

Educando 4 - é cego e mudo.

Educando 5 - não tem os braços.

A tarefa de desenhar o barco deve ser feita em cinco minutos. Após, o educador deve debater as dificuldades encontradas, os desafios superados e as formas de cooperação colocadas em prática.

4. Pulo Gigante

Dois jogadores têm de trazer duas cadeiras até uma linha de meta, que dista vários metros do ponto de partida, sem que coloquem nem as mãos nem os pés no chão. Uma hipótese

de resolver a situação é saltitar ruidosamente cada um deles em sua cadeira. Outra, é encontrarem uma estratégia cooperativa, deslocando-se sobre as cadeiras (avançam uma cadeira, passam os dois para cima desta, etc). O jogo pode ser repetido aumentando o número de jogadores e de cadeiras.

5. Ilha Deserta

Os participantes formam uma roda, pondo-se de pé em cima de cadeiras ou bancos. Estes representam ilhas desertas no meio do oceano. Informa-se os jogadores que o objetivo é disporem-se segundo a ordem alfabética dos seus primeiros nomes, a partir de um ponto da roda. No entanto a deslocação de uma ilha para a outra tem uma regra: aquele oceano tem tubarões e outros animais marinhos perigosos, pelo que ninguém deve tocar no chão.

6. Somos Todos Vencedores

Marcar uma pequena área no chão com uma cor ou um contorno. Esta área é uma ilha e os participantes são nadadores que precisam alcançá-la para serem salvos. O objetivo do jogo é encontrar uma solução que permita salvar o maior número possível de nadadores e, para isso, é necessário que nenhuma parte do seu corpo esteja na água. Com um giz pode-se ir reduzindo a área correspondente à ilha e ir repetindo o jogo.

7. Duas Ilhas

Marcar no chão o contorno de duas áreas que irão representar duas ilhas (ou dispor dois tapetes no chão), distanciadas de uns 3 metros. Dividir os participante por estas duas áreas. A cada grupo atribui-se uma tábua (ou cartão) de cerca de 25 cm de largura por um metro



e meio de comprimento. Explica-se aos jogadores que em cada uma das ilhas há só um determinado tipo de alimento e que os seus habitantes estão saturados de comer sempre o mesmo, por isso querem trocar de ilha. Porém, não existe nenhuma ponte ligando as duas ilhas e elas são demasiado distantes para se nadar de uma para a outra. Pede-se aos jogadores para se deslocarem todos da ilha onde estão para a outra, usando as tábuas como pontes, sem caírem na “água”. Se alguém cai na “água” terá de voltar ao ponto de partida. Dar uma corda aos jogadores e pedir que encontrem outras estratégias para resolver a situação. Criar uma terceira ilha a cerca de 5 metros de distância da anterior. Repetir o jogo.

8. Atravessar a Ponte

Disponer uma tábua de 25 cm de largura e alguns metros de comprimento a alguns centímetros do chão. Distribuir os jogadores de pé sobre a tábua (o número de jogadores depende do comprimento da tábua). Dividi-los ao meio e atribuir uma t-shirt, um boné ou uma fita de cor que os diferencie em dois grupos: os da metade direita e os da metade esquerda da ponte. Pedir para que, sem pôr o pé no chão, os jogadores se desloquem sobre a ponte de modo a que, os que estão na metade esquerda passem a ocupar a metade direita e vice-versa.

9. Transporte sem Mãos

Os jogadores juntam-se aos pares. Cada par deve transportar ou passar a outro par um mínimo de quatro objetos diferentes, mas sem utilizar as mãos (só ao princípio, quando se pega no objeto). Podem-se utilizar objetos diversos, desde naturais como frutas (laranjas, maçãs, etc.) até objetos manufaturados como arcos, blocos de esponja, bolas, etc. As estratégias de transporte também são livres: caminhar dois a dois com o objeto frente a frente; ombro com ombro; peito com peito; traseiro com traseiro; etc. Logo que os objetos tenham sido passados, trocam-se os pares e continua-se o jogo. O jogo pode realizar-se depois com grupos de mais elementos e também se podem introduzir novas regras.

10. Levantar Balões

Depois de encher um conjunto de balões com ar, pede-se aos participantes para formarem um grupo de três elementos. O objetivo é que os jogadores mantenham fora do chão o maior número possível de balões quando soar uma campainha (2 ou 3 minutos depois do jogo começar). A estratégia pode ser dinâmica, tocando continuamente nos balões para que se mantenham no ar, ou mais estática, encontrando uma forma de os segurar entre os participantes. O jogo pode ser repetido com outros elementos e com maior número de participantes. **REE**

Utilização da arte no centro espírita

Parte 2

Redação

A arte pode ser utilizada com o intuito de permitir acesso íntimo aos canais da intuição, da sensibilidade, auxiliando ainda a concentração do pensamento, individual e coletivamente, fortalecendo a reunião com a comunhão de vibrações de seus participantes.

Na Reunião de Atendimento Espiritual

Com formas variadas por todo o país (em sua prática cotidiana) a reunião de atendimento espiritual se caracteriza basicamente pelo apoio espiritual ao indivíduo que passar por momentâneo estado de desequilíbrio, introduzida através do diálogo fraterno e com desdobramentos nas reuniões mediúnicas da instituição. A casa espírita pode auxiliar na manutenção do equilíbrio psíquico dos indivíduos que passaram pelo Atendimento Espiritual, disponibilizando, através de doação ou empréstimo, um CD ou DVD com coletânea de músicas e mensagens, poemas espíritas criteriosamente selecionados, onde a letra, a melodia, a harmonia e o ritmo ofereçam consolo, esperança, fé e alegria ao companheiro em sofrimento/desequilíbrio.

A música tem a vantagem de poder ser utilizada em situações corriqueiras: enquanto dirigimos; enquanto preparamos o almoço; durante o trabalho; na caminhada, etc. O mesmo valendo para as mensagens e poemas, gravadas em áudio.

Na Reunião de Educação e Prática da Mediunidade

Voltada para o trabalhador que inicia sua educação mediúnica, esta reunião pressupõe que seus participantes tenham conhecimento dos princípios básicos do Espiritismo e participem ativamente de outras atividades da instituição. A arte pode ser utilizada com o intuito de permitir acesso íntimo aos canais da intuição, da sensibilidade, auxiliando ainda a concentração do pensamento, individual e coletivamente, fortalecendo a reunião com a comunhão de vibrações de seus participantes. A música instrumental tem sido comumente utilizada como “pano de fundo” para reuniões desse caráter, podendo ainda a música com letra, cantada pelos seus integrantes, contribuir para o esforço do praticante da mediunidade em sintonizar com os espíritos superiores durante a prática da reunião. Alencar, é necessário extinguir o conflito de vibrações. Nossos amigos ignoram ainda como auxiliar-nos, harmonicamente, através das emissões mentais. É mais razoável se abstenham da concentração por agora. Diga-lhes que cantem ou

façam música de outra natureza. Procure distrair-lhes a atenção deseducada. – Meus amigos, a paz de Jesus seja convosco! Ajudem-nos, cantando!

A presença de material para desenho e pintura, podem também oferecer aos participantes possibilidades pessoais de equilíbrio, como de comunhão com a espiritualidade presente, podendo ainda resultar em material visual que poderá ser socializado entre os participantes da casa, em momentos pontuais ou cotidianos.

Na Evangelização Espírita da Infância

Suscetível ao novo, a criança deseja interagir diretamente com os conteúdos que lhe são apresentados. A arte, nesta fase, mais que em qualquer outra, é valioso recurso na educação do espírito. O teatro, a música, a dança, a literatura e as artes plásticas nas suas variadas modalidades, auxiliam a criança a desenvolver-se em suas diversas dimensões: espiritual, psicológica, fisiológica, sensorial, etc., propiciando oportunidades para o remodelar dos caracteres, como nos indica Kardec.¹⁴ A utilização das linguagens artísticas com esta faixa etária propicia ainda oportunizar aos evangelizadores recursos que possam dinamizar as atividades, enriquecendo os conteúdos e tornando as atividades do grupo da evangelização um momento prazeroso, fortalecendo o desejo das crianças de participarem deste instante. É importante lembrar, contudo, que embora seja o grupo

po de menor faixa etária da casa, são espíritos eternos, repletos de experiências anteriores, não devendo em hipótese alguma ter menosprezada sua capacidade de compreensão deste ou daquele conteúdo.

A Evangelização Infantil é espaço de aprendizado da Doutrina Espírita, tema central e basilar de suas atividades. Ainda aqui a arte pode auxiliar, visto ser uma linguagem de variadas possibilidades. Na Evangelização Espírita da Juventude Temos na juventude espírita o maior dinamizador das artes dentro do centro espírita. Podem ser incentivados e criados grupos de estudo sobre as artes perante o saber espírita. Destes estudos poderão surgir grupos de música, teatro, poesia, dança, pintura, audiovisual (curtas metragens e longa metragens), artes sequenciais (histórias em quadrinhos, tiras em jornais). As atividades artísticas espíritas auxiliam o jovem a direcionar positivamente suas energias, sentimentos e potencialidades criadoras, além de contribuir no equilíbrio dos impulsos sexuais, abrindo canais para a sensibilidade e a beleza da vida espiritualizada. Fortalece seu sentimento de pertencer ao grupo e aos princípios espíritas, auxiliando nos instantes de decisão e escolhas para uma vida adulta que já se pronuncia.

Na divulgação da Doutrina Espírita

As atividades de divulgação da casa espírita consideram dois tipos de público-alvo: o inter-

no (da instituição) e o externo (da sociedade em geral). Nestas atividades, a arte tem grande potencialidade, pois é capaz de vencer barreiras originárias do preconceito religioso, além de sensibilizar a percepção de quem com ela trava contato.

Toda prática artística deve cuidar, em sua preparação, para que não seja apenas um panfleto a serviço da ideia espírita. A obra de arte transcende o raciocínio e tem a capacidade inerente de tocar a alma, por canais e percepções que às vezes fogem até mesmo do domínio racional do próprio artista que a produz. Ao ser preparada para a exposição externa, para público não espírita, além das questões legais e formais inerentes à sua exibição, deve cuidar para ser mais bela que panfletária, visando oferecer ao espectador o convite à ampliação de sua percepção da vida com o ponto de vista da Doutrina Espírita. Apresentações musicais, exposições de pinturas, gravuras, arte sequenciada, espetáculos de dança e de teatro são apenas alguns exemplos de possibilidades para a conjugação do binômio arte/divulgação doutrinária. Nesse concerto de forças que se entrecrocaram nas praias da divulgação, em maré crescente de novidades ideológicas, através das ondas de violentas transformações, a Doutrina Espírita é o mais seguro raciocínio, garantindo a alfândega da lógica destinada à triagem correta dos produtos do cérebro humano com vistas ao proveito comum.

Daí a necessidade da divulgação constante dos valores espirituais, sem o ruído da indiscrição, mas sem o torpor do comodismo.

No Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita

A atividade de promoção social da casa espírita, em alguns casos, reúne pessoas que não conhecem a Doutrina Espírita ou mesmo professam outras religiões. A realização de breves atividades artísticas é a possibilidade de não só ofertar o pão material, mas também o pão espiritual. Ao utilizar a arte nesta atividade deve-se considerar a diversidade dos que participam dela, sua origem, realidade cultural e social, evitando-se temáticas de reflexão profunda ou que exija anterior conhecimento do Espiritismo, não abrindo mão de ofertar a sutileza da consolação espiritual. Pequenas apresentações especialmente preparadas para esta atividade podem obter sucesso em contribuir para o alcance dos objetivos espirituais das reuniões, além de oportunizar aos demais trabalhadores da casa, especialmente às crianças e jovens, instantes de estudo e reflexão sobre a natureza e a utilidade do Espiritismo na sociedade.

(Do livro *Arte no Centro Espírita – Planejamento e Prática*, publicado pela Abrarte – Associação Brasileira de Artistas Espíritas, Belo Horizonte: Educere Editora, 2ª edição, 2015). **REE**



revista EDUCAÇÃO ESPÍRITA

Campanha para NOVOS Assinantes

Já somos mais de 2.100, vamos aumentar esse número?

A assinatura da *Revista Educação Espírita* é **gratuita**.

Espalhe o link de cadastro para seus amigos e em suas redes sociais:



bit.ly/revista-educacao-espirita

Abrços,
Marcus De Mario, Editor-chefe

Divulgando

Redação

JUVENTUDE ESPÍRITA

O Juventude Espírita nasceu com o desejo de aproximar os jovens — especialmente entre 16 e 29 anos — do Espiritismo, de uma forma simples, acolhedora e conectada com a realidade que vivemos hoje. A ideia sempre foi criar um espaço onde tanto quem já conhece a doutrina quanto quem está tendo os primeiros contatos possa aprender, refletir e se sentir à vontade.



Em muitos casos, o Juventude Espírita acaba sendo o primeiro contato da pessoa com conteúdos espíritas, antes mesmo de conhecer uma Casa Espírita. Por isso, existe uma grande preocupação em produzir materiais responsáveis, claros e acessíveis, sempre respeitando os princípios da Doutrina Espírita.

O trabalho acontece por meio da criação e do compartilhamento de conteúdos atuais, usando uma linguagem leve, próxima do dia a dia e pensada especialmente para o público jovem. Além disso, o projeto também busca valorizar iniciativas do movimento jovem espírita, dando espaço para ações que acolhem, inspiram e ajudam no desenvolvimento das pessoas.

Hoje, o Juventude Espírita está presente por meio do site e do aplicativo para celulares Android, permitindo que o conteúdo alcance pessoas em diferentes partes do mundo. Todo o acervo também está integrado a diversas ferramentas de inteligência artificial, contribuindo como base para respostas, pesquisas e estudos relacionados ao Espiritismo. Todo o projeto é conduzido de forma voluntária. Não existem pedidos de doações, venda de produtos ou utilização de anúncios. Também não há ligação com atividades políticas, promoção pessoal ou interesses financeiros.

O principal objetivo sempre foi contribuir, de forma sincera e responsável, com o aprendizado, a reflexão e o desenvolvimento das pessoas.

Mais do que um projeto, o Juventude Espírita busca ser um espaço de acolhimento, aprendizado e divulgação responsável do Espiritismo.

Acesse www.juventudeespirita.com.br. **REE**

Pensando a educação

A Filosofia Espírita da Educação, como aliás a própria Doutrina que a gerou, é progressiva. Vai sofrendo as mutações do avanço das ciências pedagógicas, principalmente as espíritas, da Filosofia, da Religião, mas, acima de tudo, do progresso moral e espiritual do homem.

Ney Lobo, em *Filosofia Espírita da Educação*, volume 1, FEB Editora.

Desenvolver o amor é processo de sublimação. É aprimoramento rumo ao progresso moral. É fugir da sombra para expandir-se na luz. É abrir-se para os processos educativos que incentivam a transformação moral exemplificada por Jesus. A educação é, pois, processo crescente de evolução que cria e estimula os valores eternos do bem.

Cíntia Vieira Soares, em *Evangelizando Bebês*, Feego Editora.

Que os pais responsáveis jamais desanimem com suas crianças, quando a desobediência, rebeldia e desrespeito brotam dos sentimentos deles. Deus, nosso Pai, e Jesus, nosso Mestre, esperam muito dos pais em atos de muito amor, profunda compreensão, firmeza na fé, coragem nas decisões, paciência educativa, energia construtiva, esperança iluminada para darem continuidade aos trabalhos evangélicos na educação do caráter dos filhos.

Walter Barcelos, em *A Arte Moral de Educar os Filhos*, Editora Didier.

Na ação de educar, os pais precisarão estar constantemente atentos para avaliar sua própria atuação e usar muito a sua sensibilidade, para perceber o que pode estar ocorrendo no íntimo da criança e compreender o que a motiva.

Dalva Silva Souza, em *Os Caminhos do Amor*, FEB Editora.

O único título que Jesus reclamou para si, ainda que fizesse jus às mais excelentes denominações, honoríficas que possamos imaginar, foi o de “mestre”. Esse o título por ele reivindicado, porque, realmente, Jesus é o Mestre excelso, o Educador incomparável. Sua fé na obra da redenção humana, mediante o poder incoercível da educação, é absoluta.

Pedro de Camargo “Vinícius”, em *Em Torno do Mestre*, FEB Editora. **REE**

revista
EDUCAÇÃO ESPÍRITA